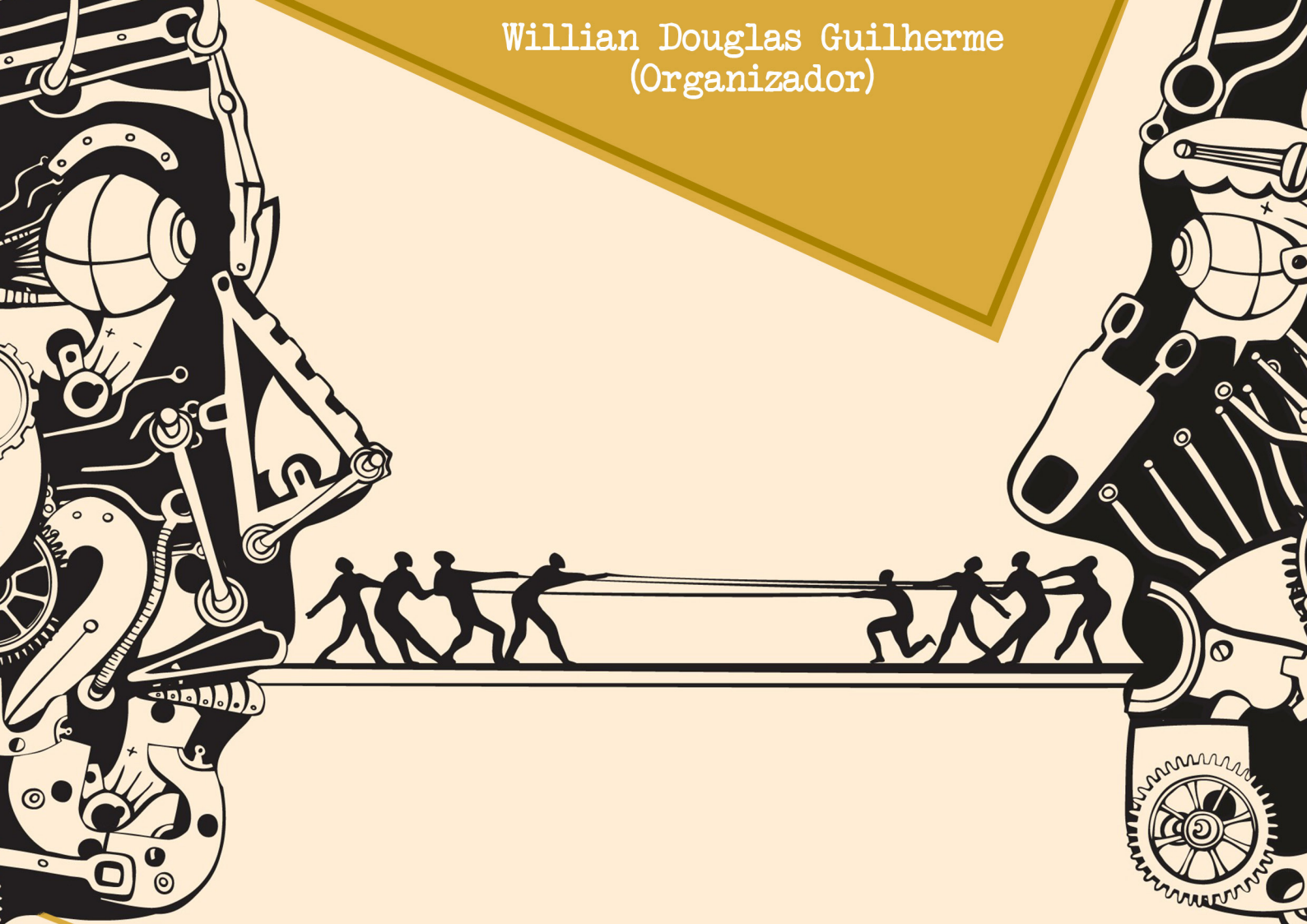


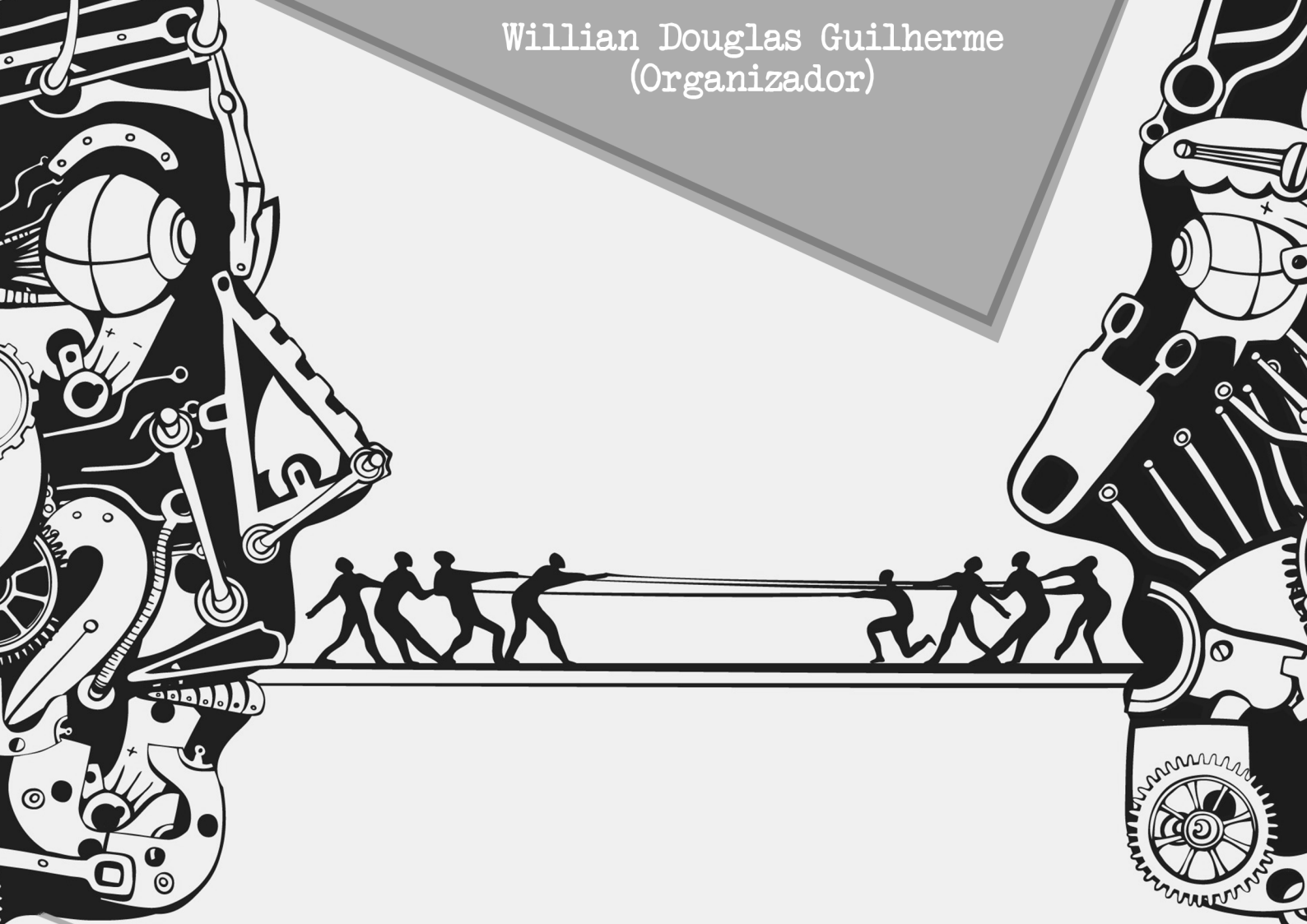
Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



# Filosofia: Aprender e Ensinar

 **Atena**  
Editora  
Ano 2019

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)



# Filosofia: Aprender e Ensinar

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
F488	Filosofia [recurso eletrônico] : aprender e ensinar / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-683-6 DOI 10.22533/at.ed.836190710  1. Filosofia. 2. Fenomenologia. 3. Indústria cultural. I. Guilherme, Willian Douglas.  CDD 142.7
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O livro “Filosofia: Aprender e Ensinar” reúne 13 artigos de pesquisadores de diversos estados brasileiros. O objetivo em organizar este livro foi o de contribuir para o campo educacional e das pesquisas voltadas aos desafios atuais da filosofia aplicada a educação.

Deste modo, a obra traz um conjunto de dados e informações que propõe contribuir com a prática educacional em todos os níveis de ensino, sobretudo, assuntos relativos à interdisciplinaridade na filosofia, ensino de filosofia, filosofia e a educação infantil, práticas inclusivas, fenomenologia e indústria cultural.

Vale a penas visitar o índice e percorrer os 13 artigos que nos convidam a um debate crítico e saudável na prática da filosofia e/em/na educação.

Entregamos ao leitor a obra “Filosofia: Aprender e Ensinar” na intenção de divulgar o conhecimento científico e cooperar, por meio do conhecimento e prática filosófica, com a construção de uma educação cada vez melhor.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
DISPOSITIVO DO APRISIONAMENTO E O DISPOSITIVO DA INFÂNCIA	
Danyelen Pereira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.8361907101	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
A INTERDISCIPLINARIDADE NA FILOSOFIA: COMO TRABALHAR A CIÊNCIA DA ASTRONOMIA COM A FILOSOFIA PARA AUXILIAR NA REFLEXÃO SOBRE O EU	
Carlos Alexandre do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.8361907102	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
O ENSINO DE FILOSOFIA E O DES-COBRIMENTO DO OUTRO	
Gregory Rial	
DOI 10.22533/at.ed.8361907103	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>34</b>
FILOSOFIA COM CRIANÇAS? AS ERRÂNCIAS DE UMA DISCIPLINA EXPERIÊNCIA	
Ana Paula da Rocha Silvares	
Edeny Gomes Furini	
Jair Miranda de Paiva	
DOI 10.22533/at.ed.8361907104	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>47</b>
“FILOSOFIA COM CRIANÇAS”: POTENCIALIZANDO CURRÍCULOS E COTIDIANOS NAS ESCOLAS	
Cristiane Fatima Silveira	
Giovana Scareli	
DOI 10.22533/at.ed.8361907105	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
COM AS CRIANÇAS, O DELÍRIO DO VERBO: TECENDO DIÁLOGOS E POESIAS	
Ana Isabel Ferreira Magalhães	
Cristiana Callai de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8361907106	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
(DES)VELANDO E (RE)SIGNIFICANDO DE SENTIDOS PARA UMA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA ATRAVÉS DA BRINQUEDOTECA HOSPITALAR	
Ana Karyne Loureiro Furley	
Hiran Pinel	
Vera Lúcia de Oliveira	
Vitor Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.8361907107	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>88</b>
ATELIÊ DE ESCRILEITURAS CONATUS	
Josimara Wikboldt Schwantz	
Carla Gonçalves Rodrigues	
Ana Paula Freitas Margarites	

DOI 10.22533/at.ed.8361907108

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>97</b>
FAVELA E ONG – PRÁTICAS PARA ALÉM DO MEDO E DA ESPERANÇA	
<a href="#">Renata Tavares da Silva Guimarães</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.8361907109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>110</b>
A SUBJETIVIDADE COMANDADA E A JUSTIÇA INSTITUÍDA	
<a href="#">Márcia Bárbara Portella Belian</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83619071010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>122</b>
DEUS, JUSTIÇA E A LINGUAGEM DO AMOR ÉTICO EM EMMANUEL LÉVINAS E HERCULANO PIRES	
<a href="#">Rogério Luís da Rocha Seixas</a>	
<a href="#">Edson Santos Pio Júnior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83619071011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
FENOMENOLOGIA DO ROSTO EM EMMANUEL LEVINAS	
<a href="#">Abimael Francisco do Nascimento</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83619071012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>143</b>
NOTAS PARA PENSAR A INDÚSTRIA CULTURAL NA ERA DIGITAL	
<a href="#">Deborah Christina Antunes</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.83619071013</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>154</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>155</b>

## “FILOSOFIA COM CRIANÇAS”: POTENCIALIZANDO CURRÍCULOS E COTIDIANOS NAS ESCOLAS

### **Cristiane Fatima Silveira**

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

cristianesilveirapedagogia@gmail.com

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em  
Educação (PPEDU/UFSJ)

### **Giovana Scareli**

Universidade Federal de São João del-Rei

(PPEDU/UFSJ) gscareli@yahoo.com.br

Professora adjunta no Departamento de Ciências  
da Educação (DECED/UFSJ)

**RESUMO:** As instituições educacionais, ao longo dos anos, vêm direcionando suas práticas com metodologias tradicionais e mecanicistas, que acabam por culminar em processos educativos empobrecidos de sentido, criticidade e criatividade. Nossa pesquisa tem como ponto de partida a reflexão de que é preciso pensar saídas, novas estradas e linhas de fuga para este caminho que, cada vez mais, parece se estreitar. A escola, potente local de encontros e afetos, deveria ter seus profissionais voltados ao desenvolvimento do pensamento de seus educandos, mas atualmente, por inúmeras implicações, essa exploração está comprometida. Partindo desse pressuposto, vemos na releitura de Walter Kohan, do programa de “Filosofia para Crianças” desenvolvido por Matthew Lipman, uma valiosa possibilidade de modificar os

currículos e cotidianos de nossas escolas, até então permeados de competitividade e isentos de criticidade. Por meio da “Filosofia com crianças”, podemos presenciar a formação de pessoas mais críticas, autênticas e pensantes. Na busca incessante por modificar o cotidiano da escola, cheio de imposições de variadas ordens, e do processo vertical de escolarização que, em geral, parte dos adultos para as crianças, seja na forma de Leis, Diretrizes, formatos, currículos, etc., desenvolvemos, na “errância”, oficinas de “Filosofia com Crianças” em uma escola da rede pública de São João del-Rei, Minas Gerais. As oficinas tinham por objetivo suscitar uma reflexão acerca das potencialidades dessa proposta, como uma alternativa que não só beneficia o processo educativo, mas também todo o desenvolvimento das habilidades do pensamento da criança, até mesmo em seu grafismo, o qual sofre muitas influências desde muito cedo e que afetam seu potencial expressivo. Portanto, as oficinas tiveram como objetivo mudar essa forma escolar, além de propor uma reflexão sobre as práticas de desenho desenvolvidas em sala de aula. Os resultados dessas oficinas nos mostraram que é preciso ouvir mais as crianças e que devemos provocar os agentes envolvidos nos processos educativos a repensarem suas ideias e práticas. Desse modo, acreditamos que a Filosofia com Crianças tem um grande



potencial para promover essa mudança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filosofia com Crianças; Educação; Currículos; Cotidianos.

## “PHILOSOPHY WITH CHILDREN”: POTENTIALIZING CURRICULUMS AND EVERYDAY IN SCHOOLS

**ABSTRACT:** Over the years, Educational Institutions have been directing their practices with traditional and mechanistic methodologies, which result in impoverished educational processes of meaning, criticism, and creativity. Our research has as a starting point, the reflection that we should have to think about exits, new ways, escape routes to this way that, increasingly, seems to narrow it. The school, a powerful place for meetings, should have their professionals focused on the development of the student’s transformative thinking, while nowadays for uncountable implications this exploitation is compromised. Based on this assumption, we see in Walter Kohan’s retelling of the “Philosophy for Children” program, which is developed by Matthew Lipman, a valuable possibility to modify the curriculums/routines of our schools, by that time it’s full of competitiveness and without criticality. Through “Philosophy with children”, we can witness the growing of more critical, authentic and thinking people. In the incessant quest to change the routines of schools, full of impositions of mixed orders, and the vertical process in schooling that, in general starts from adults to children, whether in form of laws, guidelines, formats, curricular grades, etc, we developed with “errância”, “Philosophy with Children” workshops in a public school of São João del Rei, Minas Gerais. These workshops had to aimed to reflect about the potential of this proposes, as an alternative that it’s not only benefits the educational process, but also all development of children’s thinking skills, even in their graphics, that suffered a lot of influences since the beginning and affecting their expressive potential. Therefore, the workshops aimed to change this school system, as well as propose a reflection on the practices of drawing developed in the classroom. The results of these workshops, shows that it is necessary to listen to the children and we should have to bring the agents involved in the educational processes to rethink their ideas and practices. Thus, we believe the Philosophy with Children has a great potential to promote this change.

**KEYWORDS:** Philosophy with Children; Education; Curriculums; Everyday.

## FILOSOFIA COM CRIANÇAS: UM BREVE HISTÓRICO

A Filosofia e seu ensino vêm adquirindo notoriedade em debates acadêmicos devido ao fato de que esta área do conhecimento se mostra enriquecedora a alunos de níveis de escolaridade que compreendem desde a educação infantil até o ensino médio. Pensar a filosofia como uma alternativa na construção de práticas educativas mais críticas e criativas, para a formação de sujeitos pensantes, pode ser uma alternativa muito válida, pois, a mesma trabalha de forma a estimular o pensamento, fazendo de cada “por que” em sala de aula um motivo para investigação e possibilidade de construção de conhecimentos.

Ainda nos anos de 1960, o educador e filósofo norte-americano, Matthew Lipman elaborou um programa de ensino que buscava estabelecer relações entre os conceitos de educação, filosofia e criança, o qual ficou conhecido como “Filosofia para Crianças (FpC)”. As experiências de Lipman em diferentes contextos (como, por exemplo, ao lecionar filosofia para universitários e ao presenciar as revoltas estudantis de 1968) o fizeram pensar sobre a necessidade de questões filosóficas serem inseridas no cotidiano escolar mais cedo, a fim de que os alunos aprendam a pensar criticamente. Com tamanha riqueza, o “FpC” veio a se tornar um movimento em nível nacional, sendo posteriormente traduzido para diversos idiomas. Dentro desse programa, existe a metodologia de “Comunidades de Investigação”, pensada por Lipman com o intuito de conscientizar os educadores de que a sala de aula tradicional deve ser transformada em uma comunidade de investigação. O pesquisador propôs que as crianças participassem ativamente de discussões, estabelecendo relações dialógicas de ensino filosófico, onde pudessem adquirir, cada vez mais, “um pensar crítico, criativo, ético e político” (SOUZA, 2013, p. 02).

O filósofo e pesquisador Walter O. Kohan elaborou, a partir de seus estudos, críticas ao programa de Lipman, mas não deixou de reconhecer sua importância ao relegar à filosofia um papel importante no desenvolvimento de todas as crianças. Kohan aponta alguns desafios para pensar a “FpC”, proposta por Lipman, em seus aspectos institucionais, teóricos e metodológicos, os quais, do seu ponto de vista, necessitavam de mudanças. Em entrevista à Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE) no ano de 2005, e em outros escritos, o autor define como desafios institucionais aqueles que se referem ao fato de que o programa de Lipman parecia estar “acomodado” com o contexto educacional privatizante em curso na América Latina. Uma instituição era criada, os materiais eram traduzidos e vendidos e, conseqüentemente, somente as instituições que podiam pagar pela formação a obtinham. Kohan sentia-se incomodado com essa forma organizacional do programa e este parece ser um primeiro ponto que o leva a estabelecer modificações, concentrando seus trabalhos na universidade pública.

No que se refere aos desafios teóricos, o autor afirma que o pragmatismo do programa lhe era cada vez mais insatisfatório, quando pensado junto à teoria de alguns filósofos franceses contemporâneos, como Deleuze, Foucault e Rancière. Kohan percebeu que o programa de Lipman estava apoiado em uma imagem dogmática do pensamento, sendo a escola e os processos de produção de subjetividade imbuídos de uma concepção ingênua. Além disso, aponta como desafios metodológicos aqueles que se referem diretamente à prática com os materiais do programa, os manuais e as novelas. Para Kohan, não seria necessário apenas a substituição destes materiais por outros, mas a revisão da ideia que eles defendem sobre filosofia e sobre as posições em que são colocados tanto os docentes quanto as crianças. Segundo Kohan (1998), no programa de Lipman o professor se tornava uma espécie de “pastor filosófico” ao limitar sua prática ao papel de mediador das discussões

entre os alunos. Os papéis de Filósofo e professor aparecem fendidos, sendo os filósofos os criadores do método e os professores os aplicadores do mesmo, o que acaba por distorcer o sentido “dialógico” da filosofia em sala de aula.

Kohan propõe a composição de uma experiência de filosofia que tem como base os trabalhos de Lipman, porém, não em formato de novelas, mas estruturados em momentos necessários para a realização de uma prática filosófica que os educadores possam desenvolver em sala de aula, de forma reflexiva e efetiva, denominada “Filosofia com Crianças” (FcC). O autor publicou em 1998, uma coleção de livros intitulada “Filosofia na Escola”. A experiência da “FcC” se apresenta, nesses textos, como uma série de sugestões e apontamentos que orientam a prática da composição de uma experiência de filosofia.

A passagem da nomenclatura “Filosofia para Crianças” para “Filosofia com Crianças”, por Kohan, se deve ao fato de que ele defende a ideia de que a experiência é desenvolvida “com” as crianças, em interação com elas, não é algo desenvolvido “para” elas. A “Filosofia com Crianças” se difere, em muitos aspectos, do programa “Filosofia para Crianças”, sendo a primeira uma proposta de composição de experiência de filosofia, sistematizada, nos próprios livros de Kohan, para que os educadores possam desenvolver em suas salas de aula, enquanto o segundo se refere a um programa, vendido, acessível somente para aqueles que o podem comprar. Dessa forma, na “FpC” o material é indisponível nas escolas públicas, enquanto na “FcC” o apoio para a composição de experiências de filosofia é encontrado em muitos escritos de Kohan, estando disponíveis e passíveis de serem desenvolvidos na escola pública, foco de seus estudos. Outro ponto a se considerar nesta diferenciação é o fato de que nas novelas do programa de “FpC” os temas a serem trabalhados já estão prontos, por ser uma proposta de um material pronto e acabado, não havendo possibilidade de contextualização, de aproximação com a realidade, já na proposta de Kohan, os conceitos a serem trabalhados são definidos pelo educador, a partir das necessidades de discussão naquele contexto/realidade. Essas são algumas das diferenças entre a “FpC” e a “FcC” e muitas outras podem ser encontradas ao se analisar as propostas de ambas.

Costa e Fernandes (2016) relatam suas experiências com graduandos em Pedagogia que envolvem o uso das palavras “para” e “com”. Segundo os autores, essa escolha perpassa o trabalho objetivado envolvendo uma questão ética de posicionamento do educador e de reconhecimento da horizontalidade do processo educativo. No trabalho de filosofia “com” crianças, educador e educando têm muito a contribuir, o conhecimento é construído conjuntamente, na interação do primeiro “com” o segundo e não em uma transferência de informações de um “para” o outro, partindo de um agente ativo para o passivo no processo:

Com ajuda de alguns textos [...] acabamos por problematizar a diferença essencial que há no emprego das preposições “para” e “com”. Haveria diferença em fazer filosofia *para* crianças e *com* crianças? A discussão gerada foi bastante

interessante, fazendo com que as próprias alunas do curso repensassem suas práticas cotidianas em sala de aula com seus pequenos alunos. Da filosofia passamos à pedagogia: haveria diferença entre uma pedagogia *para* crianças e uma pedagogia *com* crianças? Posições à parte, o que estava ali em questão era a forma como nos posicionávamos em relação aos nossos alunos. Percebemos, então, que estávamos falando de ética mesmo não estando formalmente estudando o tema ética. (COSTA; FERNANDES, 2016, p. 52).

Podemos verificar, diante desse exemplo, que discutir com os estudantes (futuros professores) questões que nos fazem pensar, que são importantes para provocar o pensamento sobre o que fazemos e em que acreditamos foi de fundamental importância. Dessa mesma forma, acreditamos que devemos fazer a mesma coisa com as crianças, para que possam perceber a importância do pensar e de garantir que na sala de aula possa existir uma comunidade de investigação.

Por isso é que estamos propondo um novo paradigma em educação, que busque, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, transformar cada sala de aula numa comunidade de investigação. Nessas comunidades, seriam desenvolvidas as inteligências emocional, cognitiva e social das crianças. Exploraríamos não só o que pensamos e como pensamos, mas, também, o *que* sentimos e *como* sentimos, e exploraríamos o que pensamos que a sociedade deveria ser e como deveríamos nos relacionar nessa sociedade. (KOHAN; WUENSCH, 1998, p. 18).

A experiência de pensamento proposta por Kohan é, a nosso ver, uma linha de fuga deste sistema tradicional, onde os currículos e cotidianos são empobrecidos de criatividade e criticidade.

## FILOSOFIA COM CRIANÇAS E DESENHO INFANTIL: RICAS EXPERIÊNCIAS...

Após pesquisas realizadas acerca destes trabalhos, optamos por estudar e desenvolver, em nossas oficinas, a composição de experiências com filosofia proposta por Walter Kohan em uma releitura do programa pioneiro de Lipman. Os estudos de Kohan se fizeram relevantes por consistirem em um trabalho em que a filosofia foi ainda mais explorada, vista como “uma prática estreitamente ligada à experiência, especificamente à experiência de pensar com outros” (OLARIETA, 2014, p. 14).

Salientamos, desde já, que nas oficinas tomamos como base os escritos de Kohan (*in* KOHAN; OLARIETA, 2012, p. 20) o qual propõe os seguintes momentos para composição de uma experiência de pensamento: “disposição inicial” (atividade prévia ao trabalho textual), “vivência (leitura) de um texto”, “problematização do texto” (levantamento de temas e/ou questões), “escolha de temas/discussões” (buscando focar o problema ao qual se pretende direcionar a discussão), “diálogo” (troca de ideias e argumentos) e “para continuar pensando” (atividade posterior à discussão, coletiva ou individual, destacando ou retomando alguma dimensão da experiência).

As oficinas a serem aqui apresentadas foram realizadas na cidade de São João del-Rei, Minas Gerais, em uma escola da rede pública de ensino, durante a pesquisa de campo para o trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da UFSJ,

da então graduanda Cristiane Silveira, sob a orientação da Profa. Giovana Scareli. A composição proposta por Kohan foi desenvolvida sugerindo aos alunos, como atividade de síntese, a produção de desenhos a partir da contação e posterior discussão filosófica acerca das fábulas “A Cigarra e a Formiga” e “O Lobo e o Cão”<sup>1</sup>.

Para as oficinas, a proposta foi estudada com mais profundidade, buscando construir uma reflexão sobre as práticas de desenho utilizadas em sala de aula, principalmente, sobre a desestimulação do potencial criativo e expressivo das crianças por meio do grafismo, oriunda das práticas escolares que, aos poucos, vão retirando as expressões artísticas do currículo, dentre outras implicações desta temática.

Tomamos como objeto de análise os desenhos infantis, propostos às crianças no “para continuar pensando”, como uma atividade de síntese, posterior ao diálogo, a troca de argumentos e a construção de significados para as temáticas abordadas. A escolha dessa atividade se deu devido ao seu potencial expressivo, pois, por meio de traços, linhas, formas e cores são registrados no papel, imagens criadas pelo exercício do pensamento e pela criatividade. Dessa forma, é preciso reavaliar as práticas de desenho nas escolas, pois, como nos alerta Derdyk (2010, p. 21) a escola nos transmite suas formas de pensar e ver o mundo, não permitindo, muitas vezes, à criança se impor enquanto “ser global, que mescla suas manifestações expressivas: canta ao desenhar, pinta o corpo ao representar, dança enquanto canta, desenha enquanto ouve histórias, representa enquanto fala”. É preciso que os educadores vejam na arte e na expressão gráfica livre elementos essenciais ao processo de desenvolvimento do educando.

Além desse potencial expressivo, o desenho também pode ser apontado como comunicação, pois, o mesmo é protagonista da chamada “linguagem gráfica”. Ao se pensar o desenho enquanto ato comunicativo (desde as pinturas rupestres até as imagens computadorizadas da nossa atualidade e os desenhos produzidos por crianças) muitas são as possibilidades de análise. Um exemplo é o fato de que o desenho foi utilizado por diferentes civilizações não apenas para se expressar, mas também para se comunicar, compondo símbolos e formas.

O desenho, cada vez mais, assume seu papel comunicativo, papel este que pode ser visto em diferentes situações como, por exemplo, nas pichações e grafites encontrados nas ruas de todas as cidades. Geralmente, essas manifestações artísticas se utilizam de desenhos que estabelecem comunicação imediata conosco, isto porque, como afirma Derdyk (2010, p. 23) “o desenho possui uma natureza específica, particular em sua forma de comunicar uma ideia, uma imagem, um signo”.

Segundo Possa e Vargas (2014), a comunicação via linguagem gráfica entre

---

<sup>1</sup> Já havíamos desenvolvido, no ano de 2015, um projeto de iniciação científica com bolsa da FAPESP, intitulado “A pesquisa com imagens no campo educacional: um estudo de desenhos infantis produzidos a partir de fábulas”, que abordava a Filosofia com Crianças”.

as crianças se apresenta de forma ainda mais acentuada, pois, muitas vezes, sua produção é a única forma encontrada por ela para se comunicar e expor as informações que precisam ser manifestadas por seu inconsciente. Há comunicação direta e clara nos desenhos infantis que permite aos pais, educadores e familiares compreender o mundo da criança. Isso faz do desenho um importante meio de comunicação na relação criança-adulto.

O desenho é uma atividade que pode potencializar o ato educativo, os currículos e cotidianos, mas acaba, muitas vezes, sendo esquecido dentro de nossas escolas. Contudo, foi ele que nos levou a refletir sobre o fato de que as crianças estão passando sua infância sendo influenciadas pelos adultos que com eles convivem, pela cultura e pela mídia. Vivem na era da tecnologia, do acesso rápido e fácil, de tudo muito dado e pronto. Apresentam, desde muito cedo, estereótipos (TINÔCO, 2003) em seus desenhos, tais como, sol, coração, casa, nuvem, flor, dentre outros.

Nossas oficinas tinham o intuito, não só de proporcionar às crianças experiências de desenhos livres, mas também objetivávamos estimular conversas, realizar exercícios de pensamento e, sobretudo, transformar o currículo da escola, mesmo modestamente, para que aquelas crianças que não participaram das oficinas, também tivessem a oportunidade de vivenciar práticas educativas diferenciadas. Buscávamos modificar o cotidiano, até então permeado de práticas tradicionais, mecanicistas, em ambientes provocadores de reflexões. Durante as oficinas, não eram apresentadas ilustrações referentes às fábulas, como forma de não influenciar o grafismo dos alunos, permitindo que os desenhos fossem fruto das concepções ali refletidas, construídas, de seu modo de pensar sobre a temática, de sua autotransformação.

## **FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: A ERRÂNCIA NA ATIVIDADE DOCENTE DAQUELE QUE BUSCA TRANSFORMAR AS ESCOLAS**

Desenvolvemos nossas oficinas como errantes, no aprendizado contínuo, na busca incessante, na “errância com conhecimento de causa do que não se tem, do que não há certeza, do erro que faz inventar” (KOHAN, 2013, p. 14). O educador errante percorre diferentes caminhos até encontrar aquele que mais tem a contribuir com seus ideais, com a educação, com o desenvolvimento do pensamento. Ao desenvolver as oficinas nos reconhecíamos como errantes, na qualidade de educadoras em busca por uma educação crítica, reflexiva e criativa. Inventamos escola, nos reinventamos, fizemos escola, no intuito de “criar uma escola outra na escola mesma” (GALLO, 2015, p. 202).

Assim como o mestre inventor de Kohan (2013, p. 25), Símon Rodríguez, buscamos assumir o papel de “fazer escola” dentro da vida social, dentro e (fora) da escola, nos pensamentos e na vida, na errância, na busca pela consolidação de uma prática de ensino diferenciada da fixada em nossas escolas. Fomos errantes, como aquele “que não se conforma com um estado de coisas ou alguém para quem

as coisas não têm estado fixo, mas que busca interromper e tornar impossível a continuidade do que está sendo” (KOHAN, 2013, p. 60).

Atualmente, os currículos presentes em nossas escolas (sejam eles em nível macro – sistema de ensino – ou em nível micro – sala de aula) são, em grande parte, baseados na competitividade e no pouco ou nenhum questionamento. A Filosofia pode contribuir com a Educação propondo aulas que se diferenciem do modelo pedagógico tradicional, em busca de outros modos de ser e estar com os alunos. Essas práticas diferenciadas podem ser alcançadas criando “um ambiente agradável, um clima gostoso e estimulante que inspire a confiança dos participantes e vontade de fazer parte dessa experiência” (KOHAN, 2012, p. 22).

Para Rancière (2002, p. 136) a instrução pública é “o meio de equalizar progressivamente a desigualdade, vale dizer, de desequalizar indefinidamente a igualdade”. É na instrução pública, tão desvalorizada socialmente, que muitas crianças se encontram, se formam e constroem conhecimentos essenciais, aqueles que, segundo Kohan (2013), são os que devem ser transmitidos: os conhecimentos de vida e não os de ciência. Aproveitamos para adentrar superficialmente na discussão dos conhecimentos científicos e não-científicos, pois, não só Kohan, mas também Serres (2013, p 20. ), em seu livro “Polegarzinha”, deixam claro que em nossa atual sociedade os alunos têm acesso muito fácil ao conhecimento científico, pois, ele está presente em todos os lugares, a um “*click*” de nossos dedos, ou melhor, de nossos “polegares”, porém, se distanciando da construção dos conhecimentos de vida. Partindo desses pressupostos, o autor se questiona:

Por que a Polegarzinha se interessa cada vez menos pelo que diz o porta-voz? Porque, diante da crescente oferta de saber, num imenso fluxo, por todo lugar e constantemente disponível, a oferta pontual e singular se torna derrisória. (SERRES, 2013, p. 46).

O conhecimento científico se disseminou nesta era digital que vivenciamos e sabendo que os alunos têm acesso a ele tão facilmente, na palma de sua mão, a qualquer hora e em qualquer local, julga-se necessária e essencial a preocupação com a construção de conhecimentos de vida, sociais, aos quais os alunos, cada vez menos, têm acesso. Conhecimentos de si, do mundo e do outro são cada vez mais escassos em nossa sociedade, o que requer que o educador repense suas práticas de ensino.

O educador, para isso, precisa se transformar neste mestre inventor (KOHAN, 2013) e mestre emancipador (RANCIÈRE, 2002) criando linhas de fuga deste sistema tradicional de ensino, no qual o educador é visto como o centro do processo educativo, como detentor do conhecimento, enquanto o educando é mero receptor, passivo. Os alunos estão cada vez mais “tagarelas”, como afirma Serres (2013, p. 45), pois, todos têm o saber à disposição, acessível, através da *internet*, em suas mãos. Eles precisam “ter voz” em seu processo de aprendizagem, o que a “Filosofia com Crianças” propõe e o que pudemos ver se efetivar em nossa prática, nas oficinas.

Na disposição inicial realizávamos uma conversa inicial com os alunos, como forma de introduzir o trabalho com as fábulas que seriam apresentadas no momento seguinte: “A Cigarra e a Formiga” e “O Lobo e o Cão”. Propúnhamos alguma atividade artística, como música, dança, dobradura, pintura em grupo, dentre outras, com o intuito de “convocar o grupo e as pessoas que o formam como um todo diverso e complexo” (KOHAN; WAKSMAN, 1998, p. 94).

Apresentamos no momento da leitura do texto, em dias distintos, as duas fábulas. Após a leitura, problematizamos os textos levantando questões e estimulando as crianças para que elas também questionassem. Posteriormente, selecionamos junto a elas as perguntas para o diálogo. Estávamos cientes de que, para que houvesse a composição de uma experiência de pensamento, perguntas seriam necessárias, mas não quaisquer perguntas, e sim, indagações que instigassem o pensamento e levassem as crianças a refletirem.

Ao longo do diálogo com as crianças as perguntas formuladas eram anotadas na lousa por nós, de forma compreensível e clara, a todos os envolvidos na oficina. Sabíamos a importância de nos posicionarmos sem demonstrar conhecimentos prévios, mas propondo às crianças uma investigação coletiva por meio de questionamentos, buscando melhorar, cada vez mais, as perguntas, tornando-as ainda mais potentes. Kohan e Wuensch (1998) ressaltam o papel significativo do educador neste processo, pois, este é capaz de possibilitar à criança a construção de uma criticidade ainda não incorporada por todos os adultos de hoje, afirmando que

Se me perguntassem por que eu me envolvi na ideia de que as crianças façam filosofia, diria que é porque me sinto ofendido com a ideia de que tratamos as crianças como se fossem depósitos e as mutilamos até que sejam maiores de idade. Elas fazem dezoito anos e continuam utilizando palavras como amor e amizade, sem saber do que estão falando. (KOHAN et WUENSCH, 1998, p.17).

Já no “para continuar pensando” propomos como atividade de síntese um desenho. Pedíamos às crianças que desenhassem algo relacionado aos conhecimentos construídos naquela oficina, não tendo como intuito um fechamento devido ao fato de que o interesse, neste momento, é “privilegiar o modo de construir o pensar filosófico” (KOHAN; WAKSMAN, 1998, p. 109), mas enaltecendo os conhecimentos construídos ao longo da discussão filosófica, proporcionando um grande crescimento cognitivo, afetivo e compreensivo de si no mundo, possibilitado pela discussão anterior.

Ao final das oficinas, diferentes aspectos nos chamaram a atenção nos desenhos infantis, cabendo destaque às obras em que foram perceptíveis mudanças de concepções pelos educandos, que na “disposição inicial” pensavam de certa forma sobre as fábulas e seus personagens, e já no “para continuar pensando” estruturaram outras significações em seu grafismo sobre as mesmas. A discussão filosófica proporcionou a eles uma reflexão sobre as fábulas, que são conhecidas por



terem uma “moral da história” forte e que quer educar o leitor.

A experiência filosófica permitiu a reconstrução desta moral, sempre direta e rigorosa, levando os alunos a pensarem criticamente sobre os papéis de todos os personagens envolvidos no enredo da história e sobre as possíveis transposições da narrativa para nossa vida. Percebemos que os alunos com que trabalhamos, entre seis e sete anos de idade, já tinham a concepção de que a fábula traria uma “moral da história” e de que esta estaria direcionada a punição de um personagem devido a determinado comportamento ou modo de viver.

Fomos fazendo de cada julgamento – previamente estruturado pela própria narrativa da fábula – um novo questionamento e, a partir disso, os educandos puderam ver, pensar e agir de formas diferentes no mundo. Ao propiciar um ambiente em que todos pudessem se manifestar, e com isso participar ativamente de seus processos de aprendizagem, suscitamos o pensamento em um novo meio de educação, mais prazerosa e envolvente, ou como melhor conceitua Costa e Fernandes (2016, p. 50), uma “didática erótica” na qual tudo não está exposto de antemão, mas sim, submetendo o sujeito “àquilo que não consegue visualizar a não ser com a ajuda de seu imaginário”.

A reflexão e o exercício do pensar levaram os educandos a se sentirem empoderados e até mesmo aqueles mais tímidos começaram a participar das oficinas, sem medo de falar, sem receio de errar, afinal, firmamos conjuntamente o compromisso de não julgar, criticar, nem inferiorizar o pensamento do outro. Assim, eles passaram a participar mais das aulas de suas professoras (como afirmado por elas), demonstrando estarem mais seguros para se manifestar em sala de aula, de que são capazes de pensar sobre diferentes temas e, dessa forma, perceberam que estão construindo conhecimentos.

O prazer dos alunos em participar das oficinas era nítido, assim como nos relatos dos alunos participantes do projeto “Em Caxias, a filosofia en-caixa?”, na cidade de Duque de Caxias, apresentado no livro “A escola pública aposta no pensamento” (KOHAN; OLARIETA, 2012). Os relatos de alguns participantes desse projeto encontram-se no livro, como é o caso do participante Ricardo H. S. de J. Júnior (In KOHAN; OLARIETA, 2012, p. 52).

“Filosofia pra mim

É saber escutar

Mas se tiver vontade

Também podem falar

Filosofia é um dom

Que se chama filosofar

É um momento da aula  
Que paramos para pensar  
Falamos um pouco de tudo  
Nesse nosso momento  
Já falamos sobre o nada  
Liberdade, pensar e tempo  
É uma sexta-feira  
De muita alegria  
Quando nós descemos  
Para fazer filosofia  
Afinal, filosofia pra mim  
É tentar explicar o inexplicável  
Responder o que não é pergunta  
Fazer o difícil virar fácil.”

A poesia acima foi mais um potente encontro nesta caminhada por pesquisas acerca de experiências de pensamento, na perspectiva da “Filosofia com Crianças”, pois, tudo aquilo visto e ouvido por nós, dos educandos participantes de nossas oficinas, fez cada verso, estrofe, parecer-nos familiar. Nas palavras de Ricardo ao “tentar explicar o inexplicável, responder o que não é pergunta” tomamos dimensão do potencial das discussões filosóficas quando educador e educando se questionam, instigam o pensamento e constroem conhecimentos no percurso que se faz para “explicar o inexplicável” e para “responder o que não é pergunta”. A Filosofia nos leva a refletir sobre nossas indagações pessoais, angústias, receios, sonhos e até mesmo certezas de limitações, mostrando que na atividade pensante a palavra “limite” não ocupa espaço.

## **CURRÍCULOS E COTIDIANOS: AS PROVOCAÇÕES DA FILOSOFIA NA ESCOLA**

Ao adentrar a escola pública onde desenvolvemos as oficinas, o sentimento de esperança em uma educação mais significativa para as crianças crescia dentro de nós. Não obstante, no primeiro instante, o receio se apresentou, pois, tínhamos em toda a prática a dependência da aceitação ou não da docente em sala de aula.

Gostaríamos de frisar que nos foi concedido apenas três aulas para a realização das oficinas, perfazendo um total de seis horas. Iniciamos nossa primeira intervenção cantando cantigas de roda, as quais foram seguidas de uma conversa com os alunos sobre o conhecimento que já possuíam acerca do tema “Filosofia”. Ao perguntar se alguém conhecia essa palavra (Filosofia) fomos surpreendidas porque nenhum dos alunos sabia ao que ela se referia. Após alguns minutos de conversa eles chegaram à conclusão de que Filosofia se remeteria a prática de “conversar” e “refletir”. As palavras ditas pelos alunos foram anotadas na lousa.

Posteriormente, realizamos a contação da história e nos momentos seguintes houve a “problematização”, a “escolha dos temas” e o “diálogo”, constituindo assim, a discussão filosófica. Foram levantadas questões para as crianças em remissão aos pontos mais importantes da fábula, tais como: “porque vocês acham que a formiga passou o verão todo trabalhando?”, “porque vocês acham que a cigarra passou o verão todo cantando?”, “o que vocês acham da atitude da formiga ao final da fábula?”, “o que vocês acreditam ter acontecido com a cigarra?”, dentre outras. As respostas das crianças giraram em torno da moral, sempre voltadas à Formiga enquanto personagem trabalhadora e à Cigarra como preguiçosa, embora nós não tenhamos lido a moral da história presente ao final das fábulas que foram lidas. Muitos disseram que a Formiga estava certa em não ajudar a Cigarra, pois trabalhou todo o verão, enquanto a Cigarra apenas ficava cantando. Após essas respostas, questionamos as crianças sobre a possibilidade de a Cigarra não ser preguiçosa, lembrando a elas que a mesma tocava violão e cantava, o que muitos artistas (cantores e atores) fazem. Isto fez com que as crianças refletissem e ao final de nossa discussão filosófica chegassem à conclusão de que a Cigarra também tinha sua profissão, de cantora. Nossa atividade de síntese foi, ao final da aula, assim como nas duas aulas subsequentes, um desenho relacionado à fábula.

Em nossa segunda intervenção iniciamos a aula com a brincadeira “Qual música você é?”, pedindo a cada criança que cantasse ou falasse o trecho de uma música que gostasse. Muitas músicas diferentes foram cantadas, de todos os ritmos. As meninas, em grande parte, cantaram a música do filme “*Frozen: uma aventura congelante*”, que é muito conhecido entre as crianças e os meninos variaram bastante, cantando músicas de filmes, desenhos animados e até mesmo músicas populares.

Em seguida, realizamos a contação da fábula “O Lobo e o Cão”. A fábula selecionada para levar à escola é uma releitura de Olavo Bilac da obra original de Esopo e possui muitas palavras difíceis, fazendo com que, em muitos momentos, precisássemos recorrer a palavras mais conhecidas pelas crianças. Após a contação da fábula, iniciamos nossa problematização levantando as seguintes questões: “como vocês acham que era a vida do cão?”, “como vocês acham que era a vida do lobo?”, “porque vocês acham que o lobo não quis viver com o cão?”, “o que vocês aprenderam com esta fábula?”, “vocês se identificam com qual dos dois personagens da fábula”, dentre outras. As crianças disseram que “o cão tinha uma vida boa”, “o

cão tinha tudo o que ele queria: comida, carinho”, “o cão tinha conforto”, “o lobo sentia fome”, “o lobo vivia sozinho”, “o lobo era triste”, “o lobo não quis morar com o cão porque ele não queria viver preso na coleira”, “eu também não iria querer ficar preso”, “eu prefiro viver como o lobo, que faz tudo o que ele quer” e a partir de seus questionamentos, discutimos a questão da liberdade e do conforto. A própria professora regente interagiu nesse momento, enriquecendo nossa discussão.

Finalizamos a aula com um desenho. Levamos folhas, canetinhas, lápis de cor e giz de cera e pedimos às crianças que usassem os materiais para desenhar na folha algo que houvesse despertado a atenção na fábula trabalhada em sala. Quando as crianças terminavam seus desenhos, iam uma a uma à frente da sala e mostravam seus desenhos aos colegas, expondo o que havia desenhado. Todas as crianças quiseram, espontaneamente, expor seus desenhos.

Em nosso terceiro e último dia de intervenção iniciamos a aula com um preâmbulo e em seguida realizamos a contação da fábula “A Cigarra e a Formiga – A Formiga boa”. Após a contação da fábula iniciamos a problematização com os alunos e, posteriormente, realizamos a discussão filosófica. Ambas, problematização e discussão, giraram em torno das seguintes perguntas: “o que vocês acharam das atitudes da formiga? E da cigarra?”, “a cigarra e a formiga trabalhavam em conjunto?”, “na opinião de vocês, a cigarra estava trabalhando?”, “quais diferenças vocês notam entre a fábula contada hoje e a fábula contada em nossa primeira intervenção?” e “com qual das duas fábulas você mais se identifica?”. As crianças nos disseram que no primeiro dia de contação da fábula “A Cigarra e a Formiga” elas conseguiram mudar seu ponto de vista, pois, antes elas acreditavam que a Cigarra era preguiçosa e a Formiga era a única que trabalhava. Além disso, os alunos nos relataram que acreditam que “a cigarra e a formiga são amigas e trabalham juntas”, que “a cigarra trabalhava, tocando violão e cantando, como os cantores”, “o canto da Cigarra aliviava o trabalho da Formiga”, etc. Após esse momento de discussão filosófica pedimos às crianças que fizessem um desenho sobre a fábula.

As professoras, em sua maioria, ocupando seus cargos anos a fio naquele ambiente escolar não demonstraram grande entusiasmo pelo desenvolvimento das oficinas, o que acreditamos ter ocorrido em função do desconhecimento da proposta de experiências de pensamento. Apesar de dar espaço para que as oficinas fossem realizadas, as professoras não se envolveram em um primeiro momento. No entanto, ainda na primeira oficina foi perceptível o envolvimento da professora responsável pela sala e com o decorrer de nossas visitas ela se aproximava ainda mais de nossas práticas.

Sentíamos, a cada dia, a mudança nos olhares das educadoras e ao final de nossa pesquisa sentimos que o trabalho foi muito significativo e válido para as crianças, para a escola e para modificar o cotidiano escolar durante aqueles dias. Os educandos criaram, conosco, vínculos afetivos e pudemos ver a autoconfiança dos mesmos se materializando uma vez que podiam expor suas ideias, participar das

aulas e “quebrar o silêncio” da sala com apontamentos até então guardados para si.

Outras educadoras, que não participaram das oficinas, perguntaram-nos sobre como se dá a composição dessa experiência e disseram que iriam buscar por mais informações. Nosso intuito, de dar voz às crianças, de provocar os professores para outras práticas e modificar o cotidiano da escola, parece ter tido sucesso.

## CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES DESTE CAMINHAR...

Pausaremos a reflexão com a certeza de que esta discussão não se encerra por aqui, pois, os conceitos de filosofia, educação e infância, intimamente relacionados, rendem profundas, inúmeras e potentes reflexões. Pensar uma “nova” educação na qual a criança é o centro do processo educativo, tendo como base experiências filosóficas dotadas de sentido, singularidade e criticidade, parece-nos um largo passo nesta estrada infinita onde se constroem os conhecimentos. Desenvolvíamos nossas oficinas na errância, não tínhamos e ainda não temos a certeza de termos realizado o “correto”, mas acreditamos estar no caminho, pois buscamos incessantemente o desenvolvimento pleno das crianças, em seus modos de ver, pensar e agir no mundo que as cerca.

Acreditar na potência da Filosofia nos processos de desenvolvimento e, mais que isso, implementá-la em sala de aula, na errância, na busca incessante por transformar as instituições educativas pode contribuir para que novas concepções de educação e de currículos sejam construídos ou revistos, tendo em vista a promoção da autonomia e o exercício do pensamento dos educandos.

Novos cotidianos, permeados de ricas práticas educativas; novos currículos, constituídos da leveza de processos educativos horizontais; novos educandos, críticos perante a sociedade que se apresenta e conscientes de seu lugar no mundo; podem transformar a educação. Nossas oficinas, além de trabalhar com as implicações do grafismo infantil, buscaram promover muitas discussões, instigar o pensamento das crianças e provocar a comunidade escolar a repensar suas práticas e concepções sobre o ato de “educar”.

As crianças precisam exercitar o pensamento e serem críticas perante tudo que a sociedade nos impõe. Em tempos cada vez mais difíceis e instáveis a escola tem um papel muito importante nesse processo de construção de conhecimento de si e do mundo, sendo as experiências de pensamento, um modo de fazer educação que favorece a vivência do pensar e a participação ativa de todos os envolvidos no processo educativo.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Luciano Bedin da; FERNANDES, Rosana Aparecida. Quem tem medo de filosofia? Filosofia para crianças e infâncias. In: MIORANDO, Tania Micheline; SILVA, Jacqueline Silva da Silva (orgs.). **Formação de professores: nas trilhas do Parfor**. Lajeado: Ed. da Univates, 2016. p. 52.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. 4. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2010.

GALLO, Sílvio. A escola: lugar de formação? *In*: SCARELI, Giovana (org.). **Educação, culturas, políticas e práticas educacionais e suas relações com a pesquisa**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 191-205.

KOHAN, Walter Omar. **Entrevista com Walter Kohan**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Universidade de Brasília. nov. 2005. Disponível em < <http://elistas.egrupos.net/lista/didactifilosofica/archivo/indice/1229/msg/1239/>>. Acesso em abril de 2018.<sup>2</sup>

KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor**: Relatos de um viajante educador. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana (orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

KOHAN, Walter Omar; WAKSMAN, Vera (Orgs.). **Filosofia para crianças**: a tentativa pioneira de Matthew Lipman. São Paulo: Vozes, 1999. v. I. (Filosofia na escola)

KOHAN, Walter Omar; WUENSCH, Ana Míriam (Orgs.). **Filosofia para crianças**: a tentativa pioneira de Matthew Lipman. São Paulo: Vozes, 1999. v.I. (Filosofia na escola)

KOHAN, WALTER. **Filosofia para crianças**: a tentativa pioneira de Matthew Lipman. São Paulo: Vozes, 1998.

OLARIETA, Beatriz Fabiana. **Gestos de escrita**: pesquisar a partir de uma experiência de filosofia na escola/ Beatriz Fabiana Olarieta. 2014. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação.

POSSA, Karine; VARGAS, Alessandra Cardoso. **O desenho na Educação Infantil**: Linguagem e expressão da subjetividade. Revista Digital EFDeportes. Ano 19. Nº 193. Buenos Aires, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: Cinco lições sobre emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand no Brasil, 2013.

SOUZA, Tania Silva de. O ensino de filosofia para crianças na perspectiva de Matthew Lipman. **Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia**. v. 6. n. 2. 2013. Disponível em <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/taniasouza.pdf>>. Acesso em outubro de 2016.

TINOCO, Eliane de Fatima (org.). **Possibilidades e Encantamentos**: Trajetória de professores no Ensino de Arte. Uberlândia: E. F. Tinoco, 2003.

---

<sup>2</sup> A entrevista não se encontra disponível no site da revista, mas pode ser encontrada através do endereço eletrônico acima.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**WILLIAN DOUGLAS GUILHERME** Pós-Doutor em Educação, Historiador e Pedagogo. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins e líder do Grupo de Pesquisa CNPq “Educação e História da Educação Brasileira: Práticas, Fontes e Historiografia”. E-mail: williandouglas@uft.edu.br

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alfabetização 62, 65, 66, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 88

Alteridade 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 69, 109, 117, 119, 121, 122, 123, 124, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Amor 27, 30, 32, 45, 55, 92, 111, 117, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131

Astronomia 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21

Ateliê Conatus 87

### C

Comando 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119

Cotidianos 42, 47, 48, 51, 53, 57, 60, 97

Crianças 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 98

Currículos 42, 47, 48, 51, 53, 54, 57, 60

### D

Descobrimento 22

Didática 20, 22, 56

Discurso De Ódio 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32

### E

Educação 13, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 56, 57, 60, 61, 62, 67, 70, 74, 78, 79, 80, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 95, 151, 153

Errância 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 53, 60

Escrileituras 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94

Esperança 14, 20, 40, 41, 43, 44, 57, 74, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108

Estado 12, 14, 21, 34, 36, 37, 40, 41, 44, 53, 54, 61, 78, 81, 87, 89, 97, 99, 100, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 126, 142, 150

Ética 21, 23, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 50, 51, 92, 94, 95, 96, 106, 108, 109, 110, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 122, 123, 125, 126, 130, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Ético 30, 49, 109, 110, 115, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 131, 137, 138, 139, 140

Existência Humana 11, 13, 17, 18, 79, 123

Experiência 16, 24, 28, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 68, 71, 72, 73, 74, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 89, 93, 98, 132, 133, 136, 139, 140, 147, 148, 149, 151



## **F**

Favela 96, 98

Fenomenologia 83, 84, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Filosofia 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 74, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 102, 106, 109, 117, 119, 121, 122, 123, 124, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 144, 150

Filosofia Com Crianças 34, 37, 39

## **I**

Indústria Cultural 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152

Infância 34, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 53, 60, 80, 84

Infinito 32, 106, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 130, 135, 137, 138, 139, 140

Interdisciplinaridade 6, 11, 14, 17, 20

## **J**

Justiça 81, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129

## **L**

Lévinas 24, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 130, 140

liberdade 18, 34, 40, 42, 44, 59, 68, 72, 92, 94, 101, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 150

Liberdade 44, 57, 108, 130

## **M**

Medo 18, 24, 27, 28, 29, 31, 32, 56, 60, 65, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 146

## **N**

Novas Mídias 142, 143, 149

## **O**

ONG 7, 96, 98, 99, 100, 105, 106, 107, 108

## **P**

Poesia 57, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73

Política 13, 24, 28, 30, 98, 102, 114, 118, 142, 146, 150, 151

## **S**

Subjetividade 25, 28, 29, 49, 61, 82, 83, 85, 96, 113, 114, 116, 117, 119, 121, 122,

123, 124, 125, 130

## T

Transcendência 110, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 135, 140

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-683-6

